

## **Justificar, culpar e afastar-se dos medos, resolve?**

Freud, nas Novas Conferências Introdutórias de Psicanálise (1933), ao discutir sobre os mecanismos de formação da ansiedade coloca que: *“uma pessoa pode proteger-se de um perigo externo pela fuga; fugir de um perigo interno é um empreendimento difícil”*. Quando qualificamos algo ou alguém com aspectos negativos estamos arrumando motivos para fugirmos desse perigo (desse estranho), seja nos afastando dele ou o afastando de nós. Depois disso repetimos para nos mesmo e para os outros os motivos que justificaram o afastamento.

A questão é: se algo ou alguém nos faz mal não é preciso de justificativas, devemos nos afastar e ponto final. Deve-se desconfiar dessa necessidade de justificar, desse perigo que sempre volta e de novo temos que nos esforçar para nos afastarmos dele (exemplos emblemáticos: os alcoolistas, drogaditos, hipocondríacos, “os das crises que sempre voltam”).

Seria importante invertemos o modo de pensar: por que isso que consideramos um perigo sempre nos ronda? Por que nos ocupa tanto, mobilizando grande quantidade de nossas energias? Será porque isso é um perigo interno, que está dentro de nós e apenas o projetamos no mundo?

A terapia, mais especificamente a análise, é o espaço para tratar desse interno, desse que é de nós mesmos, mas paradoxalmente nos ameaça. Por que isso nos ocorre? A sua resposta você vai ter na sua análise, ou melhor, o percurso de sua análise será a resposta. Será o como fazer com o que em mim mesmo me amedronta, um caminho para realizar meus sonhos, para ser feliz.

Quais são mesmo seus sonhos? O que em você está impedindo de alcança-los, mas que ao mesmo tempo não o deixa esquecê-los?

Sorocaba, Junho de 2013  
Paulo Cezar de Oliveira